

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
EXTRAORDINÁRIO APROVEITAMENTO EM LICENCIATURA EM FILOSOFIA

RAFAEL BUENO PINTO

BANALIZAÇÃO DO SEXO

ANÁPOLIS-GO

2017

RAFAEL BUENO PINTO

BANALIZAÇÃO DO SEXO

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Pe. João Batista.

ANÁPOLIS-GO

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAFAEL BUENO PINTO

BANALIZAÇÃO DO SEXO

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Pe. João Batista.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Pe. João Batista
ORIENTADOR

Nome do Convidado
CONVIDADO

Nome do Convidado
CONVIDADO

BANALIZAÇÃO DO SEXO

Rafael Bueno Pinto¹

Prof. Ms. João Batista Ferraz Costa²

RESUMO

PINTO, Rafael Bueno. *Banalização do sexo*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2017.

Este trabalho foi realizado para apresentar uma reflexão sobre o verdadeiro sentido da sexualidade humana. Com o objetivo de esclarecimento sobre o assunto e causar o desejo mudar uma concepção atual que rebaixa o ato sexual. Com o auxílio de alguns livros de especialistas que abordam este assunto para suscitar-nos maior crescimento.

Palavras-chave: Sexualidade, Dimensões, Prazer, Desvios, Amor.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DEDICATÓRIA

A Deus Senhor da vida e da história por revelar a vocação sublime do homem ao homem.

A Maria santíssima, que em sua pureza virginal mostra ao homem a grandeza de Deus.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a grande confusão sexual e muito mais, a banalização do mesmo e o terrível efeito produzido nas mentes das pessoas é necessário abordar o tema da sexualidade.

Falar sobre sexualidade em nossos dias tem parecido cada vez mais um desafio, ao menos do ponto de vista ético. Mas, nem por isso podemos deixar de falar sobre a temática que faz parte da

¹ Aluno concluinte do EAPV Licenciatura plena em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis-GO.

² Mestre em Filosofia e Professor do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis-GO.

antropologia, e por justamente haver pouca reflexão séria sobre o assunto seja o porquê de estar tão banalizado.

O homem é uma substância individual de natureza racional, disse o grande Boécio. Quando se é racional, pressupõe-se que pense sobre todas as realidades, o porquê das coisas, a finalidade. E o que se vê na sociedade hodierna é um espírito radicalmente hedonista que busca o prazer pelo prazer, como se fosse um fim em si mesmo afirmava Shopenhauer.

O presente trabalho quer levantar uma reflexão ética séria sobre este importante tópico da vida do ser humano, já com certeza tão explorado, mas infelizmente, tão pouco procurado.

É preciso dizer ainda que a temática é trabalhada e discutida nas mais diversas áreas, inclusive a religiosa, da qual não podemos abrir mãos da grande contribuição do pensamento dos filósofos cristãos dos tempos mais antigos e hodiernos, que muito se debruçaram sobre esta temática por amor principalmente aos jovens que são os mais afetados por uma cultura que tão agressivamente banalizou o que para os cristãos é algo sagrado.

É dito que se conhece a árvore pelo frutos, neste sentido, a sociedade em todas as suas esferas vai de mal a pior

1 CONCEITO E DIMENSÕES DA SEXUALIDADE

Para se entender o mínimo sobre a temática aqui apresentada é preciso ter um olhar sobre o conceito e dimensões da sexualidade.

No mundo moderno, a ação da psicanálise chamou a atenção dos filósofos para o sexo; foram especialmente os fenomenologistas e os existencialistas que se interessaram pelos fenômenos a ele relativos. Max Scheler tentou atribuir ao ato sexual o valor de forma de expressão da personalidade humana. Por outro lado, enquanto Heidegger considerou o *dasein* desprovido de sexualidade, Sartre considerou a sexualidade humana como estrutura fundamental da existência. (ABBAGNANO, 2000, p. 889)

1.1 ORIGENS DA SEXUALIDADE

Como sabemos Deus é a origem de todas as coisas que existem. Em sua sabedoria e bondade infinita Ele criou o Céu, a Terra e tudo o que neles há. Não somente criou, mas os mantém na existência. Deus, que é amor(1Jo 4,8), nos criou à sua imagem e semelhança, logo também somos chamados sempre a amar. Viver esse amor é uma forma de viver a comunhão com o próprio Criador. Devemos olhar a nossa sexualidade e afetividade como dons dados a nós por Deus. Esses dons dignificam os seres humanos e os fazem colaboradores de Deus em sua obra e em seu plano de amor para toda a humanidade.

Então Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam

sobre a terra. E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher. (Gn1,26-27)

Não podemos de forma alguma confundir a sexualidade com a simples prática sexual, ela vai muito além disso. A sexualidade é uma realidade profunda, é uma força que nos impele ao encontro dos outros. Somos todos seres sexuados, graças a Deus somos feitos por amor e para o amor, por isso somos chamados a ir ao encontro dos outros. Ao longo de nossa vida devemos criar laços afetivos e assim, através desses laços, mantermos a comunhão com Deus no amor. Logo a sexualidade e afetividade são verdadeiras dádivas que Deus nos concedeu, que se bem vividas, podem até mesmo nos levar a uma vida de santidade.

A sexualidade não diz respeito somente às questões biológicas e corporais do ser humano. Cada um possui sua maneira de amar, reagir, sentir, ou seja, uma maneira única de criar laços afetivos. Por isso a sexualidade sempre está relacionada com a dinâmica pessoal de cada pessoa. Essa sexualidade revela-se de maneiras bem diferentes em cada um, não é algo uniforme que acontece da mesma forma com todas as pessoas. Vários fatores interferem nessa manifestação da sexualidade, sejam eles fatores culturais, religiosos que se revelam, por exemplo, na maneira de vestir de cada um, na sua dimensão espiritual e corporal, enfim no seu modo de ser em geral.

1.2 DIMENSÕES DA SEXUALIDADE

Podemos observar várias e complexas dimensões da sexualidade humana. Essas dimensões são tão complexas como a pessoa humana. Uma das maiores distorções nessas dimensões da sexualidade é, sem dúvidas, o reducionismo, ou seja, reduzir essas dimensões a uma mera dimensão biológico-genital. Essa dimensão existe e também é importante, porém não se resume somente a ela, existem outras diversas dimensões que juntas são necessárias para a construção da sexualidade humana. É importantíssimo tomarmos consciência da grandeza da nossa sexualidade.

Algumas das dimensões da nossa sexualidade são as seguintes:

2.2.1 – Dimensão biológica da sexualidade: geralmente consiste nas diferenças biológicas que existe entre homem e mulher, como por exemplo, a produção de hormônios, as formas corporais, a musculatura masculina, a barba e etc.. Também a questão da diferença da forma do cromossoma celular entre homens e mulheres.

O homem e a mulher são criados, isto é, são queridos por Deus: por um lado, em perfeita igualdade como pessoas humanas e, por outro, em seu ser respectivo de homem e de mulher. "Ser homem, 'ser mulher" é uma realidade boa e querida por Deus: o homem e a mulher têm uma dignidade inamissível que lhes vem diretamente de Deus, seu Criador. O homem e a mulher são criados em idêntica dignidade, "à imagem de Deus". Em seu "ser-homem" e seu "ser-mulher" refletem a sabedoria e a bondade do Criador. (CATECISMO, 1998, p. 106)

2.2.2 – Dimensão Psicológica da sexualidade: Podemos afirmar que a sexualidade humana é um fenômeno psíquico, pois é a mente quem comanda o comportamento sexual. O órgão principal dessa sexualidade é o cérebro.

2.2.3 – Dimensão ética da sexualidade: Essa dimensão se refere mais à maneira que tratamos as outras pessoas, o nosso relacionamento com o próximo. Como nós decidimos o que está certo ou o que está errado.

Contudo, a diferenciação da sexualidade não se limita ao âmbito biofísico. A sexualidade define o indivíduo como homem e mulher, masculino ou feminino. Essa diferenciação origina-se biologicamente nos genes e depois nos próprios órgãos genitais masculinos e femininos.

2 PRAZER POR PRAZER

Para melhor compreensão do nosso tema, precisamos antes entender o que seria uma ideologia, para ver o que estão procurando inserir na sociedade; bem como saber sobre a terminologia gênero, porque teríamos que temer essa palavra.

A mais famosa definição de prazer foi dada por Aristóteles, que aliás, utilizava os conceitos de Platão: prazer é o ato de um hábito conforme a natureza, sendo preciso lembrar que hábito significa disposição constante. Essa definição servia para desvincular o prazer de sua conexão com a sensibilidade. A partir do renascimento as definições de prazer basearam-se em sua função biológica. Para telésio, é aquilo que favorece a conservação do organismo. Descartes definiu a alegria, considerada uma das seis emoções fundamentais, como a emoção prazerosa da alma, na qual consiste a fruição do bem que as impressões do cérebro lhe representam como seu. (ABBAGNANO, 2000, p. 786)

Qualquer pessoa de bom senso, que é questionado hoje como vê a questão da sexualidade vivida, na maioria pelos jovens, vai dizer, com certeza, que está num ritmo acelerado e louco. Hoje existe toda uma propaganda que influencia milhões de pessoas a viverem uma sexualidade vazia de sentido, no qual se busca o prazer pelo prazer. Se abandona os ensinamentos passados pelas gerações que o viam como um tabu. Não era normal nenhum pai ou mãe de família sentar-se com seus filhos para falar sobre a realidade. Eles descobriam sozinhos por diversos meios. Hoje não mudou muita coisa neste sentido, porque os pais continuam, motivados por vergonha, a não esclarecer sobre o polêmico assunto. A diferença está nas oportunidades de se aprender sobre a realidade e a idade em que começam a explorar o assunto.

É inegável que nunca como agora há meios para os jovens e crianças buscarem conhecimento sobre a área tratada. Um simples celular pode levar uma criança de 5 ou 6 anos a inúmeras páginas de internet recheadas de pornografia. É um grande mal de nosso tempo o contato de crianças e adolescentes com essas realidades. Seu psicológico e seu caráter fica muitas vezes, irreversivelmente afetados por isso.

Instrumento facilitador para quase todas as evoluções do mundo moderno, a internet está ajudando a vulgarizar o ato sexual. Sites de sexo explícito abundam em toda a rede.

Além dessa realidade triste no qual cedo estão iniciando as nossas crianças a se afundar na realidade sexual, percebemos o fenômeno da hipersexualização de meninas e adolescentes.

A avalanche de publicidades, de informação através de redes sociais e a televisão devastam a infância. Todavia são pré-adolescentes de 10 e 15 anos de idade, mas se comportam como adultos, vestem-se, movimentam, e se portam as mulheres que a cada dia estão suportado em suas séries e vídeos favoritos, embora cada

vez mais se aproxima à pornografia (RODRIGUES, 2017<<http://blogacritica.blogspot.com.br/2013/10/a-banalizacao-do-sexo-como-armadilha.html>>).

Além destes problemas que iniciam as crianças e adolescentes que são curiosos pela própria fase da idade, percebemos que o muitas crianças e adolescentes já buscam atos de natureza sexual desde cedo, o que é como já foi dito, prejudicial para a formação natural da pessoa

De acordo com um estudo realizado pela senadora francesa Chantal Jouanno, a instrução precoce da sexualidade envolve danos psicológicos irreversíveis em 80% dos casos e pode causar mudanças de comportamento das pequenas. Isso no que toca apenas as meninas que são por natureza mais susceptíveis a isso (RODRIGUES, 2017<<http://blogacritica.blogspot.com.br/2013/10/a-banalizacao-do-sexo-como-armadilha.html>>).

Vemos que grande culpada de uma propaganda de sexualidade errada é a mídia, são as redes sociais que deformam as consciências dos jovens e adultos e cria uma sociedade que busca o sexo, ou melhor, o prazer que oferece o sexo por ele mesmo, e não por aquilo que é o seu fim.

Por se tratar de uma sociedade cada vez mais ilógica ou irracional, cada vez mais se afunda nos vícios buscando apenas o prazer que momentaneamente o sexo pode trazer.

A coisa mais comum hoje é ligar a televisão para assistir um filme ou novela e se deparar com um ato sexual entre atores, quase explícito. Infelizmente o meio mais eficaz de comunicação social formou toda uma geração que busca fazer o que os mesmos atores fazem nas novelas e filmes.

Sexo sem compromisso, sem finalidade, com pessoas que se conhece no mesmo dia, por pura diversão ou esporte se espalham com um ritmo acelerado entre os jovens. Isto pode se observar nas festas, cidades grandes e pequenas.

Ninguém mais pensa no sentido ou na finalidade pelo qual existe o sexo. Falar de autocontrole ou temperança é no dizer de muitos: “babaquice religiosa, o importante é curtir”.

Notamos fenômenos assim por notarmos que a nossa sociedade se fastia cada vez mais do espiritual, do transcendente, da reflexão sobre os princípios.

Vivemos hoje no que parece ser chamado com todas as letras a era da carnalidade. À medida que a atração pelo espiritual perde forças, as demandas do corpo aumentam. Vivendo menos para Deus, a natureza humana começa a viver só para si mesma. (SHEEN, 2015, p. 30).

O homem é formado de matéria e espírito, recebeu o dom do intelecto, de refletir sobre o porquê das coisas. Mas na área do prazer ele tem descido ao nível dos animais. Agido irrefletidamente.

Isso é claro deixa consequências profundas no nível pessoal das pessoas e também da sociedade como um todo. Estamos nos tornando pessoas vazias do verdadeiro amor que é necessário agente para o ato sexual, frias de umas para com as outras, a mulher tem sido vista por vários homens como um objeto de prazer, não em sua dignidade que foi criada, o egoísmo reina nas relações humanas. O homem e a mulher já não conseguem se relacionar com um período de tempo razoavelmente grande. Já não se casam mais, as crianças nascem em lares desestruturados e crescem com deformações sérias em seu caráter e personalidade.

3 VISÃO CRISTÃ DA SEXUALIDADE HUMANA

Não se pode deixar de olhar a moral religiosa quando se trata da reta sexualidade, ou sexualidade bem vivida, de acordo com uma finalidade boa. Essa moral foi vivida e defendida pelas massas, mas agora é atacada como ruim. Por assim se entende o porquê estão as coisas como estão.

Sobre essa questão da sexualidade a Igreja nos fala uma infinidade de coisas. São, geralmente, orientações para vivermos bem essa dimensão da nossa vida. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, “a sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, na unidade de corpo e alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e procriar e, de uma maneira mais geral, à aptidão de criar vínculos de comunhão com os outros” (CATECISMO, 1998, p. 605).

Como sabemos a diferença sexual atinge todos os elementos do corpo humano. Essa diferença foi incluída no plano de Deus no momento em que o homem foi criado: Deus criou homem e mulher; e os abençoou-os dizendo-lhes: “Procriai e multiplicai-vos e enchei a terra” (CIFUENTES, 1995, p. 45). Por isso a sexualidade é uma função social de procriação. É a reciprocidade, entre homem e mulher, desse dom recebido de Deus.

O próprio Deus viu que não era bom que o homem estivesse só, e então lhe deu uma parceira, que lhe era semelhante (Gn 2,18). O ser humano singular encontra sua plenitude na complementação dada pelo outro. A maior contemplação no amor é expressa pela doação sexual: “Adão conheceu Eva, sua mulher” (Gn 4,1). Nós fomos projetados para amar e para sermos amados. Logo, por serem a imagem e semelhança de Deus, que é amor e doação, o homem e mulher só descobrem a verdadeira identidade ao se doarem sinceramente para o outro. Esse é o motivo por qual os jovens devem cuidar bem do seu corpo, devem descobrir a melhor forma de conservá-lo digno e capaz para a sagrada vocação do matrimônio (CIFUENTES, 1995, p. 47-48).

Que o homem e a mulher tenham sido criados um para o outro, a sagrada Escritura o afirma: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18). A mulher, “carne de sua carne”, é, igual a ele, bem próxima dele, lhe foi dada por Deus como um “auxílio”, representando, assim, “Deus, em quem está o nosso socorro”. “Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (Gn 2,24). Que isto significa uma unidade indefectível de suas duas vidas, o próprio Senhor no-lo mostra lembrando qual foi, “na origem”, o desígnio do Criador (Mt 19,4): “De modo que já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6) (CATECISMO, 1998, p. 439).

Quando vivemos em plenitude a nossa sexualidade, estamos de acordo com a vontade e os planos de Deus. E viver a sexualidade em plenitude, não significa o exercício da genitalidade, mas sim o exercício equilibrado de todas as características que tornam o homem um ser masculino e a mulher um ser feminino. Dessa forma, a vivência da sexualidade não pode ser vista como algo que é pecaminoso ou errado aos olhos de Deus, mas essa vivência equilibrada da sexualidade depende de uma série de fatores, desde a formação afetiva na infância e adolescência até o contexto sociocultural no qual estamos inseridos. Todos esses fatores devem ser observados e levados em conta.

Diferente do que muitos afirmam, o ato sexual é em si uma das formas de exercermos nossa sexualidade. A Igreja nos fala que “a união do homem e da mulher no casamento é uma maneira de imitar na carne a generosidade e a fecundidade do Criador” (CATECISMO, 1998, p. 605). O exercício da sexualidade é uma forma de nos tornarmos semelhantes ao Criador.

"Os atos com os quais os cônjuges se unem íntima e castamente são honestos e dignos. Quando realizados de maneira verdadeiramente humana, significam e favorecem a mútua doação pela qual os esposos se enriquecem com o coração alegre e agradecido." A sexualidade é fonte de alegria e de prazer:

O próprio Criador... estabeleceu que nesta função (i.é, de geração) os esposos sentissem prazer e satisfação do corpo e do espírito. Portanto, os esposos não fazem nada de mal em procurar este prazer e em gozá-lo. Eles aceitam o que o Criador lhes destinou. Contudo, os esposos devem saber manter-se nos limites de uma moderação justa (CATECISMO,1998, p. 612).

É por meio da união sexual dos cônjuges, que se realiza o duplo fim do matrimônio que se realiza a dupla finalidade do matrimônio, que são: o próprio bem dos cônjuges e a transmissão da vida. Esses dois valores nunca podem ser separados (CATECISMO,1998, p. 729).

4 OS DESVIOS NA SEXUALIDADE

Como sabemos são inúmeros os desvios na sexualidade, bem como as suas causas e soluções. Muitas desordens, nessa área, estão presentes na vida das pessoas nos dias de hoje. Muitas vezes o surgimento dessas desordens é até mesmo voluntário no começo, mas depois torna-se totalmente incontrolável. Outras vezes desde o começo já foi um ato involuntário, ou seja, a pessoa nunca teve o controle sobre ele. "Em si mesmos esses desvios são fenômenos morais e não psiquiátricos; constituem anomalias no comportamento que se deveria seguir para se viver a vida sexual de maneira verdadeiramente humana, e não sintomas de doença" (CIFUENTES, 1995, p. 31)

4.1 – O Homossexualismo

Hoje se tem discutido com ferocidade o tema de todas as partes, eclesiásticas e daqueles que defendem essa prática tão polêmica para alguns. É preciso analisar os argumentos com seriedade.

O dicionário nos apresenta a seguinte definição de homossexualismo: "Preferência sexual por pessoa do mesmo sexo. Prática de atos homossexuais" (RIOS, 1999, p. 316). Então, como sabemos, essas relações de pessoas do mesmo sexo, denominadas homossexualismo, é um desvio gravíssimo na sexualidade. A pessoa deixa de lado a racionalidade, que nos diz que o homem deve se relacionar com a mulher, e invertem esses valores se relacionando homem com homem e mulher com mulher (lesbianismo).

Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que: "os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados". São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados (CATECISMO,1998, p. 610).

Existem algumas teorias para a origem desse desvio na sexualidade. Alguns afirmam que a homossexualidade em um indivíduo é resultado da hereditariedade ou de fatores genéticos. Outros afirmam que ela está ligada a fatores psicossociais, como por exemplo, a educação que recebeu e a falta de modelos de identificação (CIFUENTES, 1995, p. 45).

Qualquer anormalidade ocorrida durante o período de desenvolvimento é importante como indicador de instabilidade mental ou de tendência para se desviar da normalidade, o que pode ser corrigido com educação adequada, mas que deixando sem correção, certamente, conduzirá a desastres futuros (CAMPOS, 1982, 136).

4.2 – A MASTURBAÇÃO

Um grande drama vivido por a maioria dos jovens deste tempo é com certeza a masturbação, o que começa com um ato de curiosidade acaba se tornando um vício que escraviza centenas de jovens. É preciso olhar e apresentar com a devida maturidade este tema. É justamente pelas falsas falas e sobre o pouco conhecimento sobre a masturbação que os jovens que vivem tal drama não conseguem deixá-la.

Por masturbação se deve entender a excitação voluntária dos órgãos genitais, a fim de conseguir um prazer venéreo. "Na linha de uma tradição constante, tanto o magistério da Igreja como o senso moral dos fiéis afirmaram sem hesitação que a masturbação é um ato intrínseca e gravemente desordenado." Qualquer que seja o motivo, o uso deliberado da faculdade sexual fora das relações conjugais normais contradiz sua finalidade. Aí o prazer sexual é buscado fora da "relação sexual exigida pela ordem moral, que realiza, no contexto de um amor verdadeiro, o sentido integral da doação mútua e da procriação humana"(CATECISMO, 1998, p. 609).

A masturbação é a excitação dos órgãos sexuais, com as mãos ou outros meios, a fim de obter prazer (RIOS, 1999, p. 372). Esse ato, geralmente no começo, é livre e consciente, mas pode criar um estado de dependência da pessoa, que passa a não mais controlar os seus impulsos. Esse problema atinge principalmente a juventude, que buscam na masturbação uma espécie de tranquilizante para diversos problemas, como o aborrecimento, o nervosismo, o estresse, a depressão e a solidão.

A masturbação é o prazer provocado pela excitação dos órgãos próprios, sem que exista nenhum contato com outra pessoa. É por isso que se chama significativamente ato solitário. Geralmente, é acompanhado por estímulos visuais, táteis e imaginativos (CIFUENTES, 1995, p. 31).

A masturbação de certa forma bloqueia o caminho do desenvolvimento da maturidade da pessoa, além disso provoca sentimentos de vergonha, por não ser capaz de dominar essa tendência; sentimentos de autodesprezo (CIFUENTES, 1995, p. 37). Essa prática da masturbação sempre vai gerar na pessoa uma espécie de culpa psicológica, que é um sentimento que deriva da reflexão sobre a própria situação e o ideal a ser atingido, esse sentimento de culpa por sua vez, gera outros sentimentos, como a autocondenação, autocensura e de profunda angústia (CENCINI, 2012, p. 36).

Antes, porém, de formularmos qualquer juízo a esse respeito devemos levar em consideração a imaturidade afetiva, a força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais que minoram ou deixam mesmo extremamente atenuada a culpabilidade moral (CATECISMO, 1998, p. 609).

4.3 – O ADULTÉRIO

O adultério, ou infidelidade conjugal, também caracteriza um enorme desvio na sexualidade, que nos últimos anos tem contribuído imensamente para a ruína de muitas famílias. O adultério é considerado um pecado grave, basicamente por duas razões: primeiramente porque peca-se gravemente contra a castidade, porque o ato sexual se realiza fora do casamento, e depois porquê peca-se também gravemente contra a justiça, pois essa prática lesa o direito do outro cônjuge (CIFUENTES, 1995, p. 34).

O adultério. Esta palavra designa a infidelidade conjugal. Quando dois parceiros, dos quais ao menos um é casado, estabelecem entre si uma relação sexual, mesmo efêmera, cometem adultério. Cristo condena o adultério mesmo de simples desejo. O sexto mandamento e o Novo Testamento proíbem absolutamente o adultério. Os profetas denunciam sua gravidade. Veem no adultério a figura do pecado de idolatria (CATECISMO, 1998, p. 616).

O adultério nada mais é do que uma injustiça. A pessoa que comete o adultério falta com os compromissos assumidos, diante de Deus, para com o outro (CATECISMO, 1998, p. 617). Ao assumir o compromisso do matrimônio, homem e mulher prometem fidelidade mútua por toda a vida, e essa promessa não pode mais ser desfeita, e quando não é mais levada em conta a pessoa comete um pecado grave.

A união entre marido e mulher através do matrimônio, possui duas características essenciais, que nunca podem ser esquecidas: é indissolúvel e única, ou seja, só pode ser realizada uma vez e quando realizada dura até a morte de um dos cônjuges. A união entre marido e mulher representa também a união de Cristo com a Igreja, por isso não se pode simplesmente desistir dessa união e se unir a uma terceira pessoa. Quem realiza esta ação comete adultério. É importante que os cônjuges perseverem sempre no primeiro amor, que o fogo desse amor nunca se apague em seus corações, assim movidos pelo amor, eles levaram uma vida feliz e terão uma sexualidade ordenada.

Por consequência a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Esta realiza-se de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte (JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Familiaris consortio, 11).

5 VIDA VIRTUOSA

O homem possui certos valores que fundamentam a sua existência, valores que não podem ser perdidos. Entre esses valores temos a liberdade, o amor e a castidade. Observando e respeitando esses três valores, pode se dizer que se viverá uma sexualidade perfeita, aos olhos dos homens e de Deus. Não podemos cair no erro da inversão desses valores.

Dois erros muito comuns, que ocorrem quando não se tem presentes esses valores são a sexualidade hedonista, ou seja, sua principal aspiração é que o sexo lhe proporcione o maior prazer possível, aqui o amor se torna uma mera capacidade de prazer. O outro extremo é o puritanismo, que considera o sexo como uma coisa baixa e feia (CIFUENTES, 1995, p. 15). Esses dois extremos são facilmente evitados quando se têm em mente os verdadeiros valores da nossa sexualidade, quando se conhece o seu verdadeiro sentido e quando se tem em mente os seus valores.

À medida que vivemos a redenção dos nossos corpos, compreendemos que a pureza sexual não inclui aniquilamento ou repressão da atração e do desejo sexual, a pureza madura consiste na rapidez em reconhecer o valor da pessoa em cada situação e em elevar (as reações sexuais) ao nível pessoal (WEST, 2008, p. 60).

5.1 – A LIBERDADE

Todos nós fomos criados para ter direitos e sermos reconhecidos como seres livres e responsáveis, agindo em liberdade, essencialmente em assuntos estreitamente ligados a dignidade humana, como a sexualidade, a moral, a saúde, cultura, religião, já que são requisitos inalienáveis a vida humana. O próprio catecismo da Igreja Católica, diz que “a liberdade se exerce no relacionamento entre os seres humanos. Toda pessoa humana, criada à imagem de Deus, tem o direito natural de ser reconhecida como ser livre e responsável” (CATECISMO,1998, p. 473).

Para estabelecermos, portanto, o limite da liberdade é necessário que façamos um correto uso da nossa razão humana. Essa liberdade interior é muito importante para o homem, sem ela não se pode viver uma vida plena. Essa prática da liberdade nos livra da hipocrisia, de medo, de falsidade, de remorso, de insucesso e muitos outros males que perseguem a vida. Essa liberdade se enfraquece quando o homem cai na miséria extrema, ou seja, quando cai no pecado e se fecha para a graça (Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral Gaudium et spes, 31).

Não se deve ceder fundamentalmente ao instinto sexual porque o que caracteriza o homem é justamente a capacidade de dominar tais instintos. Ser senhor da própria responsabilidade pela vontade é fundamental e verdadeiramente uma característica humana, isso ajuda a defender uma moral natural e cerebral, baseada na filosofia e na ciência. Saber viver a sexualidade plenamente é a forma mais humana e o modo de evitar a sua degradação.

5.2 – O AMOR

Como já foi tratado, sabemos que Deus nos criou à sua imagem e semelhança, e então somos capazes de amar. “Aquele que não ama não conheceu a Deus porque Deus é Amor” (1 Jo 4,8). Podemos também considerar o amor como o mandamento supremo, primeiramente amar a Deus e depois ao próximo.

Fala-se muito de amor, mas na realidade ama-se pouco, pois, o verdadeiro amor é um sentimento, um instinto que brota diretamente do coração do homem a favor do bem de si e do outro, é exprimir

bem a plenitude da doação total da alma, ser fiel, bondoso, verdadeiro consigo mesmo e para com outros.

Uma das formas mais representativas do amor é a que se pratica entre homem e mulher denominada "eros", que tem o sentido de uma entrega ou doação recíproca do corpo e da alma, entre os cônjuges. O verdadeiro amor é uma doação. O amor conjugal deve ser pautado sempre no bem do outro e não nos meus interesses egoístas. O homem deve fazer a mulher feliz e vice-versa.

O Senhor, por um dom especial da sua graça e da sua caridade, se dignou restaurar, aperfeiçoar e elevar esse amor. Semelhante amor, que associa o divino ao humano, leva os esposos á mútua doação de si mesmos, provada com treno afeto e com obras, e lhes impregna toda a vida. Mais. Cresce e se aperfeiçoa com sua própria generosa operosidade. Supera, por conseguinte, de longe, a mera inclinação erótica que, cultivada com egoísmo, desaparece rápida e miseravelmente (Concílio Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et spes*, 49).

Podemos caracterizar, portanto, o amor como a alegria da plena maturidade que se concretiza na doação mútua entre duas pessoas. Esse amor implica renúncias, liberdade, uma confiança total entre os dois, uma luta constante pela harmonia e pela paz, o diálogo, o perdão, a sinceridade, a fidelidade, o respeito, uma busca de perfeição e acima de tudo caridade.

5.3 – A CASTIDADE

A vivência da castidade é o reconhecimento de si e do outro como um ser sagrado e templo do Espírito Santo, é relacionar-se consigo mesmo e com os outros os respeitando e amando-os em sua dignidade de filhos de Deus. A pessoa casta não é centrada em si mesma e não mantém relações egoístas, abre-se para viver o seu corpo e a sexualidade como dom de Deus. “A sagrada virgindade e a perfeita castidade consagrada ao serviço de Deus contam-se sem dúvida entre os mais preciosos tesouros deixados como herança à Igreja pelo seu Fundador” (PIO XII, *Carta Encíclica Sacra Virginnita*, 01).

A castidade significa a integração correta da sexualidade na pessoa e, com isso, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual. A sexualidade, na qual se exprime a pertença do homem ao mundo corporal e biológico, torna-se pessoal e verdadeiramente humana quando é integrada na relação de pessoa a pessoa, na doação mútua integral e temporalmente ilimitada do homem e da mulher. “A virtude da castidade comporta, portanto, a integridade da pessoa e a integralidade da doação” (CATECISMO, 1998, p. 722).

A castidade é virtude de todos os estados de vida e também expressão do amor da pessoa a Deus. Os dons do Espírito Santo, o desejo de viver a palavra, de buscar o Senhor e de estar em comunhão com Ele cria condições para a vivência da castidade. Todos recebem a força e o auxílio de Deus para conseguirem viver plenamente a castidade. “Todo batizado é chamado à castidade. O cristão se vestiu de Cristo, modelo de toda castidade. Todos os fiéis de Cristo são chamados a levar uma vida casta segundo seu específico estado de vida” (CATECISMO, 1998, p. 722).

A vivência perfeita da castidade coloca as forças impulsivas ao serviço do bem, abrindo-se aos outros, para evitar problemas que arriscarão a sua sexualidade futura, ela protege os homens da

desconfiança, medo, perda de respeito próprio e do outro. A castidade é a melhor forma de compreender e valorizar o amor, pois o purifica e o eleva aos mais altos níveis da dignidade humana.

Os meios recomendados pelo próprio divino Redentor, para defesa eficaz da nossa virtude, são: vigilância assídua, para fazermos o melhor que pudermos tudo o que estiver na nossa mão; e oração constante, para pedirmos a Deus o que pela nossa fraqueza não podemos conseguir: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26,41 apud PIO XII, *Carta Encíclica Sacra Virginitas*, 49).

5.4 – O AUTOCONTROLE

O maior desafio para muitos jovens é fortalecer a vontade, fazer com que a mente e aquilo que se acredita ser o certo controle o corpo, a matéria. Se se não existe um esforço, facilmente a matéria não só governa a mente, mas a escraviza. Para se ter uma vida virtuosa, é preciso formar no homem e na mulher aquilo que Aristóteles chamava de autocontrole.

Como vimos acima, o Sexo é algo bom desde realizado dentro do plano ao qual foi criado, só assim se pode tirar a verdadeira felicidade do ato. Mas nos nossos dias em que se existe a propaganda massiva de viver a sexualidade de forma desordenada, é preciso que aqueles que conseguem refletir alcancem o autocontrole.

O autocontrole é o oposto do descontrole como a firmeza é o oposto da falta de firmeza (indolência, moleza), pois significa apenas resistência eficiente, enquanto o controle envolve domínio, que é algo bem diferente – a vitória é mais gloriosa do que o mero evitar da derrota (ARISTÓTELES, 2007, p. 209).

O jovem deve se aperfeiçoar na vontade forte, rígida para não fazer o sexo um fim, o que seria trágico, mas um meio para algo. Saber esperar o momento certo e a pessoa certa não é coisa fácil em nossos dias, mas é um desafio para os grandes. O sexo tem o prazer, mas é mais que prazer, é doação mútua de marido e mulher, onde nasce o fruto belíssimo da vida humana.

Buscar grandes ideais era comum nos jovens, e isso pode voltar naqueles que querem levar uma vida virtuosa. O sexo em si mesmo não é o fim da vida do homem, pode ser necessário para alguns, mas no tempo certo. Até esse tempo certo o jovem que busca a vida virtuosa deve preencher ser tempo e sua cabeça com grandes ideais. Gastar sua energia em fazer o bem aos outros desinteressadamente.

CONCLUSÃO

O termo sexualidade é geralmente usado pelas pessoas para se referirem as relações sexuais, ele não é apenas isso, porque se fosse só teríamos sexualidade quando praticássemos relações sexuais. Ela é, pois o todo da pessoa reflete a personalidade humana, desde o ponto de vista biológico, psicológico, social, cultural e ético.

Portanto, apesar dos âmbitos do reducionismo da sexualidade, onde com mais exatidão se vive os verdadeiros obstáculos da vida plena da sexualidade, o ser humano é digno de valores que fundamentam a sua existência, como a liberdade, o amor e a castidade, esses valores bem interiorizados e aplicados nos ajudarão a viver plenamente a sexualidade para a promoção da dignidade humana, ordem e desenvolvimento da sociedade.

Por isso é importante que conheçamos bem sobre o assunto, para assim conseguirmos nos ajudar e ajudar ao nosso próximo. É necessário muito esforço da nossa parte para conseguirmos viver a perfeição da sexualidade, assim como é o plano original do Criador. Em todos os estados de vida, não importa se é solteiro, casado ou celibatário, o importante é que se viva bem a sexualidade, respeitando sempre os valores morais e éticos e, sobretudo a Vontade de Deus.

Este trabalho tentou desenvolver uma reflexão na qual devolve à sexualidade um valor que nossa contemporaneidade a tomou e a banalizou. De fato é um grande desafio formar as consciências, formar as crianças e os jovens de nosso tempo para o correto uso deste dom que Deus as deu, mas é preciso falar sobre isso. O ser humano perdeu sua identidade de ser pensante sobre muitos aspectos, deixa-se facilmente ser engolido pela corrente de pensamentos que arrasta a sociedade.

Que de fato possamos todos admirar este dom da criação que é a sexualidade.

ABSTRACT

This work was carried out to present a reflection on the true meaning of human sexuality. In order to clarify the subject and cause the desire to change a current conception that demeans the sexual act. With the help of some specialist books that address this subject to elicit us greater growth.

Keywords: Sexuality, Dimensions, Pleasure, Deviations, Love.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. São Paulo²: Edipro, 2007.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza, **Psicologia da adolescência. Normalidade e psicopatologia**, Petrópolis⁷: Ed. Vozes, 1982.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- CENCINI, Amedeo, **Viver reconciliados. Aspectos psicológicos**, São Paulo⁷: Paulinas, 2012.
- CIFUENTES, Rafael Llano, **270 perguntas e respostas sobre Sexo e Amor**, São Paulo¹: Quadrante, 1995.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et spes*.
- JOÃO PAULO II, Papa, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, 1981.
- MOHANAM, J. A., *Vida Sexual dos Solteiros e Casados*, São Paulo⁴: Edições Loyola, 2009.
- OTÁVIO, Waldomiro, *Problemas da juventude. Sexo, personalidade e maturidade*, Petrópolis¹: Ed. Vozes, 1968.
- PIO XII, Papa, Carta encíclica **Sacra Virginitas**, 1954.
- RIOS, Demirval Ribeiro, **Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa**, São Paulo: Ed. DLC, 1999.
- RODRIGUES, Luiz, A banalização do sexo como armadilha para os adolescentes, Disponível em: <<http://blogacritica.blogspot.com.br/2013/10/a-banalizacao-do-sexo-como-armadilha.html>>. Acesso em 20/11/2017. 14h10min.
- SHEEN, Fulton, *A Cruz, vitória sobre os vícios*, São Paulo: Ed. Molokai, 2015.
- VIER, Frei Frederico O.F.M (Org.), **Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações**, Petrópolis²⁹: Ed. Vozes, 2000.